

Para servidor, governo incitou

Pedro Gonçalves, 33 anos, é a voz do comando de greve na Ceilândia. Passou os últimos 15 anos batendo de porta em porta para orientar mães, aplicar vacinas, visitar pacientes e fazer campanha nas casas.

Essa é a rotina de um agente de saúde. Ou melhor, era. “A maioria dos agentes agora é desviada de função. Como não tem pessoal suficiente, faz trabalho burocrático e até de auxiliar de enfermagem”, relata Pedro.

Ontem, ele cumpriu jornada extra. Passou o domingo no Hospital Regional da Ceilândia para fiscalizar o atendimento de emergência. “É preciso manter a mobilização da categoria.” ameaça.

Pedro acusa o governo de ter incitado a greve. “Deflagramos o movimento porque o governo não apresentava proposta. O governo esqueceu que tem um compromisso com os trabalhadores”, ressalta.

Crise — O colapso no sistema de saúde apontado por Pedro pesa no bolso. A defasagem do salário — cerca de R\$ 1.200 — fez com que ele deixasse a Ceilândia. “Na Cidade Ocidental, o aluguel é mais barato”, justifica.

A auxiliar de enfermagem do Hospital do Gama Noêmia Carneiro *solta o verbo*: “Temos que fazer greve mesmo. Só quem vive o dia-dia dos hospitais sabe como se trabalha”.

Ela fala com conhecimento de causa. Tem 30 anos de profissão. Ganha aproximadamente R\$ 900 mensais para trabalhar 40 horas por semana. “Tem dias que não tem lençol e nem roupa para os pacientes”, reclama.

Já a auxiliar de enfermagem do Hospital de Base, Maria Neusa Batista, 33 anos, condena o movimento. “Odeio greve. Tenho amor à minha profissão e acho que tudo pode ser resolvido com diálogo”, acredita.